Devoção ao Divino Espírito Santo em Poções-Bahia

Religião, Memória e Representação Social

Estefanni Patrícia Santos Silva e Janaina Cardoso de Mello

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/703>

DOI: 10.4000/pontourbe.703

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

ISBN: 1981-3341

Referência eletrônica

Estefanni Patrícia Santos Silva e Janaina Cardoso de Mello, « Devoção ao Divino Espírito Santo em Poções-Bahia », *Ponto Urbe* [Online], 13 | 2013, posto online no dia 31 dezembro 2013, consultado o 30 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/703> ; DOI : 10.4000/pontourbe.703

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 Abril 2019.

© NAU

Devoção ao Divino Espírito Santo em Poções-Bahia

Religião, Memória e Representação Social

Estefanni Patrícia Santos Silva and Janaina Cardoso de Mello

Introdução

- 1 A cidade de Poções, na região sudoeste da Bahia, obteve este nome devido à existência de vários poços localizados onde hoje é o centro da cidade (JESUS; IVO, 2002, p. 5). Povoadada na primeira metade do século XVIII, a partir de 1732, desenvolveu-se ao longo do século XIX. O bandeirismo atuou como elemento desbravador do sertão baiano e em Poções o pioneirismo da ocupação foi assumido pela família do bandeirante João Gonçalves da Costa (MORAES, 2004, p.7). O município foi elevado à categoria de vila em 1880, ano em que ocorreu sua emancipação política. A vinda de elementos da cultura religiosa dos colonizadores europeus resultou na festa ao Divino Espírito Santo, possuindo a celebração baiana ainda hoje as marcas originárias da tradição portuguesa (MORAES, 2004, p.7).

Segundo relatos de antigos moradores da cidade, o Divino Espírito Santo foi escolhido como titular em virtude de uma nuvem de pombos que pairou durante a construção da Capela da Lapinha. Os festejos ao Divino Espírito Santo são de origem portuguesa, a festa é oficialmente realizada em Poções a partir de 1880, pelo então pároco Luis França dos Santos (JESUS; IVO, 2002, p. 6).

- 2 A festa do Divino Espírito Santo, como o nome mesmo diz, realiza-se em homenagem ao Espírito Santo, a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, sendo representado pela pomba branca e por línguas de fogo, que pousaram sobre os apóstolos reunidos no cenáculo¹, em Pentecostes, cinquenta dias após a ressurreição. No centro da cidade, a “Igrejinha”² é dedicada ao Divino Espírito Santo, possuindo em seu frontispício a representação do padroeiro. Há muitos pombos sobrevoando a igreja e com isto há um reforço da simbologia em função dos devotos identificarem a presença da pomba que o representa nos ambientes onde a festa ocorre anualmente. Assim, por conta desta crença, observa-se essa simbologia como um instrumento de conhecimento e construção do mundo dos

objetos que, mormente a tradição neo-Kantiana denominou como “formas simbólicas” (BOURDIEU, 1989, p.8).

- 3 No decorrer das festividades percebe-se um forte apego ao símbolo do Divino Espírito Santo representado através das bandeiras, das canções e das orações, que são vistas ao longo de todas as celebrações do novenário³. Por conta disto, são analisadas as formas de crença que são manifestadas a esta pessoa da Santíssima Trindade, através dos gestos e palavras, que em suma, ocorre em diversos lugares onde há o Divino Espírito Santo enquanto titular e para Gonçalves (2003, p.25):

Evidenciam-se de modo simbólico, totalizadas pelo Divino Espírito Santo. Este, por sua vez, é representado não exatamente como a terceira pessoa da Santíssima Trindade, mas como uma entidade individualizada e poderosa.

- 4 Nesta cidade, em especial na chegada das bandeiras, observa-se esta característica de forma ativa e muito praticada pelos fiéis. Dentre as ações empreendidas que deixam transparecer esta afetividade, encontram-se: segurar os pombos e soltá-los no momento em que a cavalgada, segurar e beijar a bandeira do Divino, cantar a canção composta por Ivan Lins intitulada “A bandeira do Divino”, soltar fogos, acompanhar a cavalgada, aguardar a benção clerical que ocorre quando os cavaleiros chegam à matriz e entregam a bandeira, levar os familiares para assistir a comemoração; realizar as preces diante das bandeiras, colocar crianças nos cavalos para serem fotografadas (compondo uma recordação da festa do ano retratado), dentre outras.

- 5 A metodologia etnográfica e analítica empregada nesse trabalho resulta de pesquisas de campo realizadas entre 2004 e 2007, tomando-se como perspectiva a compreensão de que:

A etnografia possui características básicas, tais como: ênfase na exploração da natureza de um fenômeno social particular; entrevistas em profundidade; observação participante; análise de discursos de informantes; investigação em detalhe; perspectiva microscópica; e interpretação de significados e práticas sociais, que assumem a forma de descrições verbais. Ademais, pode-se destacar como traço mais marcante do estudo etnográfico, a investigação por dentro da realidade de um grupo, sendo o conhecimento científico gerado a partir do ponto de vista do outro (ROCHA ET AL, 2005, p.3).

- 6 É neste intuito que a pesquisa etnográfica se desenvolveu. Sobre os objetivos que conduzem à investigação de festividades na América Latina, a autora Kátia Maria Roberto de Oliveira Kodama (2009, p.19) saliente que:

(...) investigar as festas populares é destacar a necessidade da preservação das identidades culturais do país e das diferentes regiões que o compõe, como mecanismos de transformação e valorização dos povos do país e da América Latina.

- 7 Nesse sentido, as relações sociais observadas entre os moradores de Poções através da festa do Divino compõe uma tessitura cultural onde as trocas rituais, o consumo de bens e serviços, a hibridez entre o sacro e o profano permeiam comportamentos e na cultura imaterial que subsiste ao tempo junto ao patrimônio material daquela micro-sociedade.

- 8 Sobre a preservação dos aspectos patrimoniais, ou seja, valorativos, que as manifestações, assim como os monumentos materiais e naturais possuem, os autores Pedro Paulo Abreu Funari e Sandra de Cássia Araújo Pelegrini⁴ (2009, p.9) frisam:

O patrimônio individual depende de nós, que decidimos o que nos interessa. Já o coletivo é sempre algo mais distante, pois é definido e determinado por outras pessoas, mesmo quando essa coletividade nos é próxima.

- 9 Desse modo, a salvaguarda do patrimônio depende dos interesses de uma coletividade, quando este está presente no cotidiano do grupo, e do indivíduo quando está sobre a guarda de um único ser.
- 10 Funari & Pelegrini (2009) verificaram situações cuja valoração do patrimônio cultural era delimitada à uma coletividade e ações diversificadas de salvaguarda eram adotadas. Ocorria um esforço para um tombamento (no sentido da preservação) do bem cultural daquele grupo.
- O processo de tombamento, após avaliação técnica preliminar, é submetido à deliberação das unidades técnicas responsáveis pela proteção aos bens culturais brasileiros. Caso seja aprovada a intenção de proteger um determinado bem, seja cultural ou natural, é expedida uma notificação ao seu proprietário. Essa notificação significa que o bem já se encontra sob proteção legal, até que seja tomada a decisão final, depois de o processo ser devidamente instruído, ter a aprovação do tombamento pelo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural e a homologação ministerial publicada no Diário Oficial. O processo finalmente termina com a inscrição no Livro do Tombo e a comunicação formal do tombamento aos proprietários.⁵
- 11 No caso dos festejos parte-se do conceito de “patrimônio imaterial” definido no 2º artigo do documento produzido na Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Imaterial, realizada em Paris de 29 de setembro ao dia 17 de outubro de 2003, sob a chancela da Organização das Nações Unidas (UNESCO):
- as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (UNESCO, 2006, p.4).
- 12 A implementação do Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial normatizado pelo Decreto nº 3.551/2000 ampliou as ações de tombamento do patrimônio histórico nacional à partir de novos instrumentos de acautelamento dos bens intangíveis, à saber, os: Livro de registro dos saberes, Livro das formas de expressão, Livro das celebrações e Livro dos lugares. Estando contido nos dois primeiros livros os “conhecimentos e ‘modos de fazer’ enraizados no cotidiano das comunidades” (PELEGRINI, 2009, p.29-30).
- 13 A preocupação com o registro da memória coletiva⁶ e a salvaguarda do patrimônio cultural decorrem do reconhecimento de que: “as expressões culturais constituem um dos mais intensos exemplos da criatividade e da persistência das tradições das diversas etnias que se entrecruzaram e formaram a nação brasileira” (FUNARI; PELEGRINI, 2008, p.82).
- 14 No entanto, nesse estudo está sendo enfatizado o coletivo, por conta das políticas de proteção dos bens culturais em vigência no contexto contemporâneo.
- 15 Com esta ideia é que o trabalho etnográfico sobre a festa iniciou. Ao observar o valor e o sentido que a população poçoense confere à festa, percebeu-se na análise de sua trajetória, o sucesso da festa junto aos cidadãos do município desde sua infância. Ou seja, este é considerado o principal evento anual da cidade, e por isso, a chamam de “tradicional e esperada”. Com isto, conclui-se que o festejo foi eleito um patrimônio do lugar pela própria população.

A Festa

- 16 Através, sobretudo, do método etnográfico são analisados, neste subtítulo, os registros feitos nos dias de festa. A festa é organizada com base no dia de Pentecostes, sendo realizada nos meses de maio ou junho, quando normalmente durante a noite atinge-se uma temperatura aproximada entre 17° e 15° graus ou até menos, revelando a devoção dos fiéis que resistem à baixa temperatura para afirmar sua fé.
- 17 Uma peculiaridade que existe nesta festa, assim como se encontram em tantas outras, é o fato de haver a reunião de distintas classes sociais no evento. Atualmente, não há registros de separação entre os grupos em todas as fases da festa, pois no novenário que ocorre na igreja matriz, no ginásio de esportes e no estádio de futebol não há bancos separando famílias ou hierarquias de quaisquer naturezas. No entanto, há os amigos e os colegas dos políticos ou funcionários bem remunerados do município que reservam, ao seu lado, assentos aos admiradores. Entretanto, no período em que monsenhor Honorato era pároco, de 1937 até 1942 e depois de 1947 até 1985/1986 era nítida tal distinção.⁷
- 18 Na atualidade, no momento do ofertório pessoas de diversas camadas se disponibilizam para ajudar na cerimônia das missas, tanto quanto, na organização de todo o novenário. Todavia, no dia da chegada das bandeiras, em frente à igreja matriz ficam os políticos da cidade e aliados de outros locais, acompanhados do pároco, religiosos da Arquidiocese de Vitória da Conquista e convidados; todos na espera do estandarte que é carregado pelo memorialista Sr. Homero Ferreira da Silva junto à cavalaria. Neste instante, pode-se observar o privilégio da determinada camada social ao obter visão privilegiada ao assistir a chegada das bandeiras.
- 19 A Chegada das Bandeiras, considerada o momento ápice dos festejos religiosos, inicia-se às 5h em média com a alvorada na Praça Monsenhor Honorato, organizada pelo memorialista Sr. Homero Ferreira da Silva junto aos seus familiares e amigos, finalizando por volta das 12h, em frente à matriz do Divino. Anteriormente, no lugar da Chegada das Bandeiras, devido à carestia da comunidade, a igreja confeccionou duas bandeiras do divino, que percorriam a zona rural e a urbana, a fim de arrecadar fundos para a realização da festa. Após meses de peregrinação a bandeira era deixada em uma fazenda nas proximidades de Poçõesinho, sendo entregue à cavalaria e aos membros da sociedade, como acontece nos dias atuais.
- 20 Um grande número de bandeiras é depositado na igreja devido ao pagamento de promessas feitas ao Divino. Devotos às entregam na matriz ou ao Senhor Homero e depois são levadas para Poçõesinho, onde acontece o início da chegada das bandeiras.
- 21 A cavalgada na atualidade acompanha a seguinte ordem: dois carros, com carroceria devidamente enfeitada com flores e tecidos coloridos, levando crianças vestidas de anjos com túnicas de cores brancas, amarelas e azuis, utilizando acessórios como coroa de flores artificiais na cabeça (as meninas), e os meninos, sobre as túnicas, faixas transversais e segurando bandeiras com figuras de pombas bordadas. Em seguida, doze Cavaleiros e Amazonas vestem uma capa branca, bordadas com lantejoulas douradas e uma pomba (representando o Divino), sendo que entre eles, há o Senhor Homero Ferreira da Silva que carrega o estandarte de veludo marrom, diferente dos demais, pois a maioria das bandeiras possui as cores vermelhas ou brancas. À frente alguns Cavaleiros e Amazonas acompanham com uma capa vermelha (em torno de trinta e oito pessoas) e depois

centenas de fiéis, seguem sem capas, sobre os cavalos com bandeiras representando o Divino, além de carroceiros, motociclistas, ciclistas e etc. Além destes há uma cavalaria de policiais ou soldados do exército, acompanhando os doze cavaleiros da frente.

- 22 Por volta do final da segunda metade do século XX iniciou-se a prática de colocar estes anjos à frente da cavalgada, pois antes disto, não havia este acompanhamento.
- 23 Com o passar do tempo, a cavalaria segue, não com o significado religioso (para alguns), mas em ritmo de brincadeira, ou seja, acompanham apenas por ser tradição, utilizando acessórios irônicos e entoando músicas profanas a fim de divertir-se com o momento tradicional da cidade, sendo que não são todos que participam e aderem a esse comportamento. Um exemplo era a turma do Jegue (a turma de desfez na segunda metade da década de 2000), na qual as pessoas montavam em cima dos jegues e acompanhavam a cavalgada. Estes não seguiam com o intuito religioso, entretanto, também eram abençoados pelo clero.
- 24 A Chegada das Bandeiras sai às 10h de Poçõesinho (bairro localizado ao sul do município), percorrendo toda a Rua de Vitória da Conquista, sempre com o estouro fogos de artifícios e entoação de músicas do Divino, sobretudo a canção composta por Ivan Lins e Vitor Martins:

Os devotos do Divino vão abrir sua morada
Pra bandeira do menino ser bem-vinda, ser louvada, ai, ai
Deus nos salve esse devoto pela esmola em vosso nome
Dando água a quem tem sede, dando pão a quem tem fome, ai, ai
A bandeira acredita que a semente seja tanta
Que essa mesa seja farta, que essa casa seja santa, ai, ai
Que o perdão seja sagrado, que a fé seja infinita
Que o homem seja livre, que a justiça sobreviva, ai, ai
Assim como os três reis magos que seguiram a estrela guia
A bandeira segue em frente atrás de melhores dias
No estandarte vai escrito que ele voltará de novo
E o Rei será bendito, ele nascerá do povo, ai, ai

- 25 Os devotos sobem algumas ruas largas da cidade, passam pela praça principal e seguem rumo à matriz. As pessoas saúdam a cavalgada a todo tempo e manifestam a sua fé de diversas formas.

FOTO 1: As “anjas” em frente à matriz. Festa do Divino (1990/1991)

FONTE: Arquivo Carmen Rocha Santos Silva (década de 1990)

- 26 Na imagem acima oito meninas vestidas de “anjas” posam com as mãos unidas, dramatizando uma prece, na escadaria da igreja matriz, tendo ao fundo os fiéis e as bandeiras em vermelho e branco. Todavia, as interpretações simbólicas dos objetos constituídos para a festa são alvo de múltiplas visões, a depender da posição de cada sujeito que observa ou participa do festejo.

Do ponto de vista dos devotos, a coroa, a bandeira, as comidas, os objetos (todo esse conjunto de bens materiais que integram a festa são propriedade das irmandades) são, de certo modo, manifestações do próprio Espírito Santo. Do ponto de vista dos padres, são apenas “símbolos” (no sentido de que são matéria e não se confundem com o espírito). Na visão dos intelectuais, são apenas representações materiais de uma “identidade” e de uma “memória” étnicas (GONÇALVES, 2003, p.26).⁸

- 27 Os representantes da igreja, responsáveis pela celebração, embora se comovam e participem ativamente, assim como os intelectuais não se envolvem incisivamente como os devotos, supondo-se que toda a simbologia popular presente nas representações do Divino seria manifestada e criada, na maioria das vezes, pelos fiéis leigos e posteriormente assumidas pela igreja em sua liturgia.
- 28 Na contemporaneidade, todos os anos da festa têm sido dedicados, além do padroeiro, aos temas que são lançados na campanha da fraternidade. Além disto, promovem em alguns anos, em um dia do novenário, o que chamam de culto ecumênico, ou seja, convidam pastores de algumas igrejas evangélicas e junto aos padres realizam uma celebração da palavra. Na Paróquia agrega-se a presença da fraternidade dos missionários orantes da Sagrada Face⁹ e das Irmãs Medianeiras da paz¹⁰. Estas entidades reforçam o sentido religioso na sociedade, por serem participativas nas festividades e proporcionarem ajuda mútua na organização do evento.

- 29 De caráter religioso e profano a festa também proporciona *shows* com artistas locais, regionais e até mesmo em âmbito nacional. Tendo a sua origem com a organização dos festejos pela Paróquia, a fim de arrecadar fundos para as próprias despesas da parte religiosa e recepcionar os convidados, assim iniciaram-se as festas do Largo. Comparativamente, ressalta-se que o intercâmbio entre o religioso e profano nas festas do Divino no Rio de Janeiro no período de 1830 a 1900, pois:
- Além das missas com músicas mundanas, sermões, te-déuns, novenas e procissões, eram partes importantes as danças, coretos, fogos de artifício e barracas de comidas e bebidas (ABREU, 1999, p. 34)
- 30 Em um determinado pavilhão organizado pela Comissão da festa realizavam-se leilões com os donativos arrecadados pela bandeira ao som da “Filarmônica Primavera” composta por cidadãos poçoenses, permanecendo durante muito tempo sob a regência do Maestro Bernardo Fagundes, conhecido na cidade como seu “Nadinho” Fagundes.
- 31 A prefeitura, em parceria com patrocinadores públicos ou privados, promove os *shows* durante os novenários, sempre depois, ou antes, da missa. Em alguns anos, principalmente nestes últimos tempos, foram reduzidos os dias da festa do Largo, que em média duravam de dez a cinco dias. O espaço onde ocorrem estas festividades é uma quadra de esporte sem cobertura, construída em 1998 pelo prefeito Antônio Edvaldo Macedo Mascarenhas (conhecido na cidade como “Tonhe Gordo”), sendo que antes deste ano o espaço não possuía o formato de hoje. As barracas anteriores a esta data possuíam a estrutura de madeira com o revestimento de palhas de coqueiros; depois da inauguração, barracas padronizadas as substituíram e bandas renomadas nacionalmente passaram a ser contratadas. Sobretudo nas décadas de 1970 e 1980 havia pavilhões, onde predominava certa desigualdade entre as classes onde algumas barracas reproduziam sons mecânicos e pessoas, normalmente da classe baixa, as frequentavam. Sendo que em outras barracas, onde pessoas das classes médias e altas da cidade ficavam artistas da terra tocavam e promoviam leilões.
- 32 Em 1998, com a inauguração da quadra, verifica-se a centralização dos *shows* no palco, todavia, ressalta-se que a concentração em torno de um palco já vinha ocorrendo antes mesmo deste ano. Com isto, as pessoas das diversas classes se misturam e desfrutam do mesmo som, no entanto por questões de conforto ainda existe certo distanciamento inter-classes, pois normalmente os grupos com menor poder aquisitivo ficam em frente do palco para visualizar o artista com precisão e a parte elitizada da cidade (classe média e alta) permanece localizada nos fundos, ou nas barracas de comes e bebes, ainda hoje chamados de pavilhões. As pessoas que frequentam a festa do Largo são compostas por turistas de cidades vizinhas, moradores da cidade e poçoenses oriundos de outros municípios. Sobre o processo de integração das pessoas que são da terra e daquelas que mesmo morando em outro local retornam para ver a manifestação com as quais se identifica. Isso ocorre:
- (...) porque essa noção de herança nos vincula a algo que nós recebemos e que nós não valorizamos. Por vezes, só valorizamos quando estamos na iminência de perdê-lo ou quando, por que fomos para muito longe, nós o reencontramos (SANTOS, 2004, p. 149).
- 33 Na noite do sábado (um dia antes de Pentecostes), em uma praça onde fica o crucifixo antigo representando a Lapinha¹¹, os fiéis e o memorialista Homero Ferreira da Silva vão buscar o mastro, que consiste em uma tora de madeira com decoração branca, vermelha e flores naturais. Esse costume:

Está ligado a expansão marítima, quando os navegantes resolveram colocar duas madeiras (mastros) nas embarcações para içarem as velas, o que lhes permitiu conhecer todo o mundo. Em virtude desse acontecimento, o Papa Leão XIII ordenou que colocassem em frente às Igrejas um Mastro com uma bandeira obtendo a imagem do padroeiro do lugar como forma de identificação para os visitantes (MORAES, 2004, p.70).

- 34 As pessoas carregam-no e fazem os seus pedidos ao som de músicas religiosas, ocorrendo naturalmente um revezamento para que todos tenham a oportunidade de pegar na tora e fazer os seus pedidos. No decorrer da festa passam em frente ao fórum da cidade, ao lado da prefeitura, da câmara dos vereadores, da praça principal da cidade até chegar à Igrejinha do Divino onde o mastro é devidamente colocado e só retirado na festa do próximo ano, podendo ser a mesma tora, mas, com adornos diferentes.
- 35 De acordo com os devotos, os seus pedidos se realizam e nos anos seguintes eles retornam ao cortejo ou então confeccionam uma bandeira e levam à igreja Matriz como demonstração de gratidão.
- 36 A igrejinha é um dos grandes símbolos que há na cidade e remete-se à festa. A população da cidade tem apego a esta edificação do século XIX e estabeleceu de forma indireta um respeito a todos que passam por ela. Tanto os foliões, quanto os visitantes ao longo das festividades não promovem atos de vandalismo no espaço e nem de orgias. Deixando clara uma concepção de lugar sagrado e ao mesmo tempo auxiliando na salvaguarda patrimonial edificada, assim: “A preservação dos monumentos antigos é antes de tudo uma mentalidade” (CHOAY, 2001, p.149).
- 37 No decorrer dos anos alguns padres na paróquia do Divino, entre eles o padre Estevam Santos Silva Filho têm manifesto incômodo com os gastos realizados na festa do Largo e em alguns momentos, até mesmo em público, pronunciado a sua irritação com relação à administração realizada junto ao fundo monetário investido nos festejos. Na festa de Pentecostes no estádio de futebol da cidade, em junho de 2006, ele disse a todos no momento da homilia:

Diante de minha responsabilidade pastora, sinto-me no dever, à luz do Concílio Vaticano II e das conferências de Medellín, Puebla e Santo Domingo, de questionar publicamente o poder civil municipal que patrocinou 10 dias de muita festa, madrugada a fora, em um período de fome e de desemprego que atravessa o nosso município. (...)

Esta festa de largo de forma carnavalesca deixou de ser aquela tradição bonita e familiar, que era no passado. A festa deste ano não trouxe emprego, não fortaleceu a educação, não solucionou o problema da violência e não melhorou a saúde. A partir de amanhã, colheremos os prejuízos. O sonho acabará e logo chegará os pesadelos. (...)

Que o Divino Espírito Santo nos ilumine para compreendermos quais são os sinais da verdadeira tradição e quais os outros interesses que estão por trás destes festejos”. Poções, festa de pentecostes, 2006, Pe. Estevam dos Santos Silva Filho-Pároco (*Jornal Folha do Divino*. Informativo da Paróquia do Divino Espírito Santo Poções-Ba: Junho,2006).
- 38 Diante do pronunciamento muitas pessoas ficaram agitadas e começaram a questionar sua realidade em razão do que o padre havia dito. A administração da cidade estava investindo em festas caras e o sentido religioso estava sendo mantido pela inúmera quantidade de cristãos católicos em um momento em que o desemprego afetava o local e os problemas não eram resolvidos contratando grandes atrações, e de acordo com o pároco o sentido religioso estava se perdendo no “pão e circo” governamental.

- 39 Por outro lado, os que discordaram deste posicionamento do vigário vaiaram sua fala, deixaram o local, elevaram sua voz sobre o absurdo que para eles estava sendo dito enquanto outros foram reclamar ao prefeito. Esta autoridade estava acompanhada da primeira dama na missa.
- 40 Após a fala do padre Estevam, o bispo da Arquidiocese de Vitória da Conquista Dom Geraldo Lírio Rocha expôs o seu posicionamento frente ao que foi dito:
- Quero dizer a todos irmãos e irmãs que a palavra dirigida pelo pároco Pe. Estevam questionando sobre 10 dias de festa de largo em Poções, já era de meu conhecimento e conta com meu pleno e total apoio. Precisamos corrigir o que está errado e preservar o sentido religioso da festa do Divino. 'Festa do Divino Espírito Santo, é festa religiosa'. Qualquer outra coisa desvirtua os sentidos originais, tradicionais e autênticos da festa do Divino e perturba a religiosidade do nosso povo. Temos que preservar a festa religiosa; esta sim é patrimônio do povo de Poções e patrimônio da Igreja (*Jornal Folha do Divino*. Informativo da Paróquia do Divino Espírito Santo Poções-Ba: Junho, 2006).
- 41 Frente ao posicionamento de Dom Geraldo, percebe-se um olhar sobre a festa no sentido patrimonial de ênfase ao religioso como se a festa profana não possuísse um significado para as pessoas da cidade. A preocupação social com relação à promoção de uma vida digna, sobretudo aos jovens do município, é algo claro nas duas falas, inclusive deixa explícito que bonito e familiar é estar nos eventos da igreja com todos reunidos e não curtindo a “carnavalesca” festa que organizam após as festividades religiosas.
- 42 Desde outrora, sobretudo quando o Pe. Benedito Costa Soares (pároco em Poções de 1985 a 1986)¹² esteve na cidade, há denúncias do quantitativo de gastos que são realizados ao festejo de largo, mas, sobretudo, o Pe. Benedito defendia que o teor religioso sim deveria ser mantido e somente tal, não podendo constar, portanto, as chamadas “festas de rua”. No entanto, a maioria das pessoas não aceitaram o seu posicionamento. Tempos depois, Padre Estevam dos S. Silva Filho (2000 a 2011), que inclusive admirava muito o Pe. Benedito Soares retorna o discurso de protesto e indignação proferindo-o em diversas ocasiões.
- 43 Corroborar-se neste trabalho a ideia de que frente aos desafios da conservação dos monumentos e sobre a perspectiva que deve existir em preservar:
- Devemos lutar para preservar tanto o patrimônio erudito, como popular, a fim de democratizar a informação e a educação, em geral. Acima de tudo, devemos lutar para que o povo assuma seu destino, para que tenha acesso ao conhecimento, para que possamos trabalhar, como acadêmicos e como cidadãos, com o povo e em seu interesse (FUNARI, 2007, p.67).
- 44 Frente à análise do papel da festa para a cidade, neste século XXI, observa-se que o teor patrimonial, ou seja, visibilidade da festa enquanto um legado cultural se faz presente às pessoas da cidade, de maneira particular aos adultos e idosos. No entanto, aos turistas, adolescentes e crianças, o teor folia chama mais as suas atenções, tendo em vista o evento enquanto o momento mais divertido da cidade durante todo o ano. Atraindo, portanto, pessoas que não a conhecem e trazendo os conterrâneos a revê-la nesta temporalidade anual¹³.
- 45 Sendo a festividade religiosa remota, cativante e promotora do despertar de tantos sentimentos na população, sobretudo na expectativa da chegada do evento, nota-se que a sociedade se emociona bastante com o novenário, principalmente com a chegada das bandeiras. No entanto, a ansiedade em ver as atrações que movem a festa do Largo atualmente é o maior estimulante para a população local e visitantes à cidade. Mesmo

com as marcas da contemporaneidade e as mudanças naturais que ocorrem em todas as manifestações culturais, observa-se a ênfase popular no atrativo profano que o festejo do Divino adquiriu neste século: a Chegada das bandeiras e festa do Largo. Isso revela a plasticidade das identidades que se conformam às permanências e ruptura de memórias locais.

- 46 A festividade incomoda muitas igrejas evangélicas da cidade, principalmente as que estão presentes no centro da cidade. Nos dias das festas os setores evangélicos proporcionam retiros espirituais aos seus membros, viagens turísticas, entre outras atividades. Algumas acabam promovendo alguns cultos esporádicos, no entanto, não nos dias da festa do Largo, pois o barulho dos *shows* interfere na pregação.
- 47 Nos festejos do Largo se fazem presentes barraquinhas de cachorro quente (os poçoenses os adoram, tanto crianças, quanto jovens, adultos e idosos, dizendo que este lanche já é “a cara da festa”), barracas com uvas e “maçãs do amor”, os chamados “capetas” (que são barracas onde se vendem bebidas alcoólicas, inclusive aos jovens que as consomem), barracas premiadas (onde a pessoa mira em um objeto ou doce e caso consiga acertar o alvo ganha o que derrubou, ou às vezes, uma premiação maior como um urso de pelúcia, por exemplo), as famosas grandes bolas (consistem em bolas de plástico resistentes, as quais algumas crianças da cidade comparam ao do personagem Kiko, do seriado Chaves), além do estimado parque de diversão, que todos os anos chegam à cidade. Esta infraestrutura fica montada entre duas e três semanas e o parque, normalmente apenas em uma semana.
- 48 Em alguns anos, ocorrem às chamadas Mostras Culturais que reúnem fotografias da cidade e da população no coreto (um dos grandes símbolos materiais da cidade e que está situado na Praça do Jardim dos Pássaros, ao lado da igreja).
- 49 Com relação às técnicas museográficas, a exposição é inacessível aos diversos públicos, uma vez que não existem etiquetas com nome da obra, fotógrafo e data, ou quando existem são insuficientes ou incompletas. Além disto, as obras ficam bem próximas umas das outras, apesar de haver lonas ou outros meios de cobertura nas extremidades do coreto, dificulta-se a fruição e a acessibilidade. As obras também recebem luz solar direta, danificando-as, além de não serem empreendidos cuidados de conservação e segurança do bem cultural. O público que vê as fotografias as observa rapidamente, mas alguns, especialmente os adultos e idosos, ficam muito tempo vendo as imagens e apresentam aos filhos e netos como era em sua época a cidade ou a pessoa retratada. São verificados, em diversos momentos, choros e outros indícios nostálgicos, quando se deparam com as imagens de outrora.
- 50 Segue-se uma narrativa imagética repleta de significados “sem legendas” agregando “complexidade aos esforços de interpretação de universos sociais cada vez mais densos e complexos, onde imagens por sua vez tornam-se cada vez mais um elemento da própria sociabilidade” (ACHUTTI, 1997, p. 38-39).
- 51 A iniciativa de guardar as fotografias da cidade antiga e expô-las na festa do Divino é admirável, entretanto o material está sob a guarda de poucos indivíduos e com pouco espaço para armazená-las, precisando assim, na cidade, de uma política preservacionista para salvaguardar o legado cultural imagético que na região existe, entendendo-o como um bem público, aplicando a este uma metodologia iconográfica e iconológica, pois: “Os objetos da Cultura remetem às tradições identificadas pelo grupo com suas marcas distintivas, específicas e identitárias” (NASCIMENTO, 2009, p.20).

- 52 No último dia da festa, domingo de Pentecostes, os festejos religiosos ocorrem no estádio municipal que normalmente se enche de pessoas seguindo com a missa campal, sendo que às 05h00min há uma alvorada de fogos de artifício representando o barulho dos trovões que houve no dia de pentecostes. Depois segue a procissão, tendo muitos fiéis de roupa branca e descalços para pagar promessas, outros, levam bandeiras que a comissão organizadora da festa distribui e assim prosseguem seguindo os andores. No final, devolvem as bandeiras, fazem os últimos pedidos e entregam flores encerrando as festividades religiosas na Igreja Matriz. Durante toda a festividade padres de outros municípios são convidados à celebrar missas, bem como bispos. Em seguida, a festa do Largo dá o prosseguimento encerrando a noite, normalmente, com a última banda por volta das 04h30min da manhã.

O Memorialista

- 53 Homero Ferreira da Silva, conhecido pela população como o Senhor Homero, é um dos organizadores da Chegada das Bandeiras desde 1990. Nascido na cidade de Poções na Bahia é um oficial de Justiça aposentado e casado com a Senhora Nivalda de Almeida Silva com quem teve onze filhos. Este homem acompanhava os senhores ligados à festividade dos quais afirma ter adquirido muitos conhecimentos sobre a história da cidade de Poções e da região sudoeste baiana. Ao se empreender uma análise da relação entre memória, cultura e identidade étnica, percebe-se que:

(...) o cotidiano é o espaço por excelência de percepção das formas, do significado e das redefinições da historicidade e da dinâmica das representações sociais que norteiam a vida de idosos (TEDESCO, 2004, p.229).

- 54 Procurado por muitos pesquisadores que se debruçam sobre a historicidade presente nesta região, o senhor Homero a princípio fica um pouco desconfiado com alguns. Ao conquistar a confiança do memorialista, as informações pedidas são dadas com bastante emoção e certeza, revelando a paixão que possui pelas festividades, e no caso específico da festa do Divino Espírito Santo, transmitidas com muita precisão. Costuma ainda projetar vídeos e mostrar fotos da festa aos seus convidados, amigos e pesquisadores.
- 55 No ano de 2012, foi cedido pelo Sr. Homero Ferreira da Silva uma entrevista, sobre o que ele chama de “o princípio” da festa do Divino. Neste fragmento, onde enfatiza a chegada das bandeiras, ele diz:

[...] Por volta de 1878 chega na cidade o Pe. Luís de França para a criação da freguesia. O capitão chamou o Coronel Raimundo Pereira de Magalhães e só eles sabiam, poucas pessoas sabiam da pomba do Divino (...) eles chegaram para o padre e falaram: aqui está o verdadeiro padroeiro de Poções (...) a pomba de prata foi doada, pela comunidade católica de Poções (...) o padre lavrou a ata e manteve a festa como antigamente: a festa de largo, o mastro, a queima de fogos, o novenário e fez as duas bandeiras que passava pelo interior pedindo esmolas sendo levadas pelo velho e um menino com um tamborzinho de janeiro a maio (...) quando chegavam as bandeiras na fazenda onde hoje é poçoensinho (...) o pessoal que vinha da zona

rural a cavalo, se reunia e iam buscar as duas bandeiras(...) assim foi criada a chegada das bandeiras.¹⁴

FOTO2: O senhor Homero com a sua neta Niedja Fagnani. Festa do Divino.(Maio de 1989)

FONTE: Arquivo Carmen Rocha Santos Silva (década de 1990)

- 56 Quando assumiu a função de empunhar o estandarte na chegada das bandeiras o senhor Homero iniciou um trabalho contínuo, durante todo o ano, junto aos seus filhos (e até hoje isto acontece). Alguns na época que já estavam casados o auxiliavam com suas esposas e filhos nos preparativos para a festa. Sobre a continuação da prática e do registro dos fatos pelos familiares, apreende-se que:

Conforme as gerações se distanciam, repositórios de lembranças se associam aos seus sucessores, segmentos de tempos vão se conectando com lembranças mais antigas (TEDESCO, 2004, p.229).

- 57 Com isto, toda a família (filhos, genros, noras e netos) se mobilizava para o evento. Atualmente, também há bisnetos e os mesmos auxiliam no que está acessível, um exemplo desta ajuda que fazem, verifica-se no carro dos “anjos”. Desde muito tempo estes carros na maioria são compostos por netos do Senhor Homero. Além disto, um número elevado de pessoas que enfeitam os carros dos “anjos” e confeccionam as bandeiras são amigos e filhos. Assim, há uma mobilização por parte dos descendentes do Senhor Homero para que todos os anos a festa aconteça, os “anjos” estejam prontos e a chegada das bandeiras permaneça sendo o diferencial das demais festas ao Divino, e principalmente um dos símbolos da cidade de Poções de tal modo que o envolvimento e a responsabilidade do memorialista nas festividades continuem se mantendo e sendo legitimada pela população.
- 58 Ao observar os poemas do cidadão poçoense Genivaldo de Carvalho (conhecido como Vado do Caldo de Cana, por vender o caldo da cana na feira da cidade), analisa-se o apego à manifestação religiosa que é o símbolo da cidade, tanto quanto, a admiração e o respeito aos organizadores do festejo. Entre os seus poemas, será citado o do ano de 2004, que foi produzido durante a Festa do Divino. Entre as suas considerações, cita o nome do Memorialista Homero Ferreira enquanto uma referência.

FESTA DO DIVINO 2004

[...] Os fieis vão chegando e beijando a bandeira
Esfregando em seus rostos dizendo que manto

Naquele estante tudo fica tinindo
 Está presente o Divino Espírito Santo
 [...]
 Os cavaleiros e as amazonas
 Montados em cavalos simples ou belo
 Veem cortejando a santa bandeira
 Bandeira trazida pelo seu Homero
 [...]
 A quantidade de gente é incalculável
 Onde a fé desse povo brilha na luz
 Ao chegar as bandeiras balançam o vento
 É nesse momento (que sentimos Jesus).
*Vado do Caldo de Cana*¹⁵

- 59 Apresentar as características de uma festa, através das menções aos pequenos detalhes, pode parecer desnecessário, ou, cansativo. No entanto, ao referenciar os detalhes do festejo, partiu-se de uma análise etnográfica do contexto com o propósito de registrar aos futuros leitores os aspectos que permearam a festa no período delimitado.

Fontes Documentais

- 60 - Arquivo Fotográfico de Carmen Rocha Santos Silva (década de 1990);
 61 - Folder do colégio IECEM do mês de Maio de 2005;
 62 - *Jornal Folha do Divino*. Informativo da Paróquia do Divino Espírito Santo Poções-BA, do mês de Junho de 2006;
 63 - Poema: Festa do Divino de 2004, do Sr. Genivaldo de Carvalho. Poções-BA:20 de Maio de 2004.
 64 - Programações das festas nos anos de 2004, 2005, 2006 e 2007;
 65 - Entrevista concedida pelo Sr. Homero Ferreira da Silva no ano de 2012, sobre “o princípio” das festas dedicadas ao divino. Poções-BA: 26/05/12.

BIBLIOGRAPHY

- ABREU, Martha. **O império do Divino**: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.
- ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs). **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro, DPCA, 2003.
- ACHUTTI, Luis Eduardo. **Fotoetnografia**: um estudo sobre antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre: Tomo Editorial, Palmarinca, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. Tradução: Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade Editora da UNESP, 2001.

- CURY, Marília Xavier. **Exposição, concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Arqueologia e Patrimônio**. Erechim/RS: Habilis, 2007.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **O que é Patrimônio Cultural imaterial**. Col. Primeiros Passos, 331. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio Histórico e Cultural**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DPCA, 2003, pp. 21-29.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Sobre o tombamento**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=12576&retorno=paginalphan>, Acesso em: 25/03/2013.
- JESUS, Suerlange Ferraz de e IVO, Isnara Pereira. **Emoção e Fé: dos festejos do Divino à Chegada das Bandeiras**. Monografia (Graduação). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista – BA: UESB, 2002.
- KODAMA, Kátia Maria Roberto de Oliveira. **Iconografia como processo comunicacional da Folia de Reis: o avatar das culturas subalternas**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2009.
- LOURENÇO, Érica; GUEDES, Maria do Carmo e FREITAS, Regina Helena de (orgs). **Patrimônio cultural, museus, psicologia e educação: diálogos**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2009, p. 15-29.
- MORAES, Mércia Coêlho. **O Sagrado e o profano em Poções**. Monografia (Especialização). Universidade do Estado da Bahia. Santo Antônio de Jesus-BA: UNEB, 2004.
- PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio cultural: consciência e preservação**, São Paulo, Brasiliense, 2009.
- ROCHA, E.P.Q., BARROS, C, PEREIRA, C. **Perspectivas do Método Etnográfico em Marketing: Consumo, Comunicação e Netografia**. 2005. Disponível em: <http://anpad.org.br/enanpad/2005/dwn/enanpad2005-mkta-2861.pdf>, acesso em 28/03/2012.
- SANTOS, Marcos Ferreira. Cultura Imaterial e Processos Simbólicos. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo, 14: 2004, p. 139-151.
- TEDESCO, J. C. **Nas Cercanias da Memória: temporalidade, experiência e narração**. Passo Fundo, RS: UPF; Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2004.

NOTES

1. Sala onde Jesus Cristo reuniu os discípulos para a última Ceia.
2. Como é chamada pela população por ser pequena.
3. Comemoração em nove dias ao Divino Espírito Santo.
4. Pedro Funari é arqueólogo e escreve, em vários trabalhos, sobre a importância da preservação do Patrimônio Histórico, Cultural, Artístico, natural e Arqueológico, embasado nas legislações que o salvaguardam, mas principalmente na preocupação da sociedade acadêmica em preservá-los. Sandra Pelegrini é historiadora e produz, entre os diversificados temas, sobre a relação do

patrimônio cultural com a sua cronologia e perspectivas. Enfatiza em suas obras o conceito de patrimônio, que está muito relacionado ao material, sendo que as festas, as atividades artísticas, ou seja, a imaterialidade também está tão encaixada no nome quanto os tangíveis.

5. “O Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural é constituído por nove representantes de instituições públicas e privadas e por 13 representantes da sociedade civil, indicados pela presidência do IPHAN e designados pelo Ministério da Cultura. O mandato dos conselheiros é de quatro anos, permitida a recondução. É presidido pelo presidente do IPHAN que o integra como membro nato”. Cf. INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Sobre o tombamento*, <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=12576&retorno=paginalphan>, acesso em: 25/03/2013.

6. Partindo-se da premissa de que a memória coletiva é “uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, pois não retém do passado senão o que está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém” (HALBWACHS, 2006, p.102).

7. A respeito do Monsenhor Honorato, dados foram levantados pela pesquisadora Mércia Moraes em sua monografia (MORAES, 2004).

8. Observa-se a análise que o autor faz sobre as diversas percepções desta festa, apesar da festa do divino por ele estudada ser diferente da que ocorre na cidade de Poções, pois não existe a presença da figura do Imperador e por isso não utiliza a simbologia da coroa a qual ele cita.

9. Encontrados na cidade por volta da segunda metade da Década de 1990.

10. Encontradas por volta da segunda metade do século XX no município.

11. Primeira igreja de Poções.

12. Dados sobre o Pe. Benedito Soares Cf. MORAES, 2004.

13. Não há uma estatística efetiva sobre o exposto. Estes dados foram devidamente analisados pelas autoras, através das pesquisas etnográficas delimitadas entre 2004 a 2007.

14. Fragmento da entrevista concedida pelo Sr. Homero Ferreira da Silva no ano de 2012, sobre “o princípio” das festas dedicadas ao divino. Poções-BA: 26/05/12.

15. Assim, o autor assina os trabalhos. Poema: Festa do Divino de 2004, do Sr. Genivaldo de Carvalho. Poções-BA: 20 de Maio de 2004.

ABSTRACTS

A festa do Divino Espírito Santo em Poções, na região sudoeste da Bahia, é a mais movimentada e comovente expressão cultural da cidade. A manifestação religiosa tornou-se símbolo do município e tem como titular o Divino Espírito Santo. O artigo acompanha a trajetória das memórias do Senhor Homero Ferreira da Silva residente na Rua Dom Campelo de onde saem dois carros com crianças representando os “anjos” de pentecostes. Na Chegada das Bandeiras, na sexta-feira que antecede o domingo de pentecostes, ocorre a cavalgada dedicada ao Divino Espírito Santo. O festejo religioso cristão é organizado em um novenário com missas na igreja matriz, no ginásio de esportes e no último dia no estádio de futebol do município. A festa profana acontece paralela à cristã, antes ou após as missas, entre dez e cinco dias. A metodologia etnográfica e analítica empregada resulta de pesquisas de campo realizadas entre 2004 e 2007.

The Divine Holy Spirit festival at Poções, in southwestern Bahia, is the busiest and most moving expression of the cultural city. The religious event became a symbol of the city and its patron the Divine Holy Spirit. The article follows the trajectory of the memories of Mr. Homero Ferreira da

Silva resident at Dom Campelo Street from where two cars with children representing the "angels" of Pentecost. In Arrival of Flags, on Friday preceding the Sunday of Pentecost, the ride is dedicated to the Divine Holy Spirit. The Christian religious festival is organized with payers for nine days with masses in the Cathedral, in the gym and the last day in the football stadium of the city. The secular festival takes place parallel to the Christian, before or after mass, between ten and five days. The methodology employed ethnographic and analytical are results of field surveys conducted between 2004 and 2007.

INDEX

Keywords: divine festival, Poções, memory

Palavras-chave: Festa do Divino, memória

AUTHORS

ESTEFANNI PATRÍCIA SANTOS SILVA

Graduada em Museologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: estefanni.p@gmail.com.

JANAINA CARDOSO DE MELLO

Doutora em História Social (UFRJ); Professora Adjunta da graduação em Museologia da UFS e dos Mestrados em História (PROHIS-UFS e PPGH-UFAL). E-mail: janainamello.ufs@gmail.com.